

# Biblos

Enciclopédia  
VERBO  
das Literaturas  
de Língua Portuguesa

2

VERBO

*Edição realizada  
sob o patrocínio da*

SOCIEDADE CIENTÍFICA  
DA UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

**Direcção**

JOSÉ AUGUSTO CARDOSO BERNARDES  
*(da Faculdade de Letras — Universidade de Coimbra)*

ANÍBAL PINTO DE CASTRO  
*(da Faculdade de Letras — Universidade de Coimbra)*

MARIA DE LOURDES A. FERRAZ  
*(da Faculdade de Letras — Universidade Clássica de Lisboa)*

GLADSTONE CHAVES DE MELO  
*(da Faculdade de Letras — Universidade Federal do Rio de Janeiro)*

MARIA APARECIDA RIBEIRO  
*(da Faculdade de Letras — Universidade de Coimbra)*

**Secretaria-Geral**

A cargo do  
Departamento de Enciclopédias da Editorial Verbo  
sob a direcção de João Bigotte Chorão

não foi esclarecida, e não chegaram até nós testemunhos elucidativos acerca do seu significado, os textos que documentam esta forma poética, além de fragmentários (à excepção de duas composições de Baquilides), apresentam características dificilmente conciliáveis entre si. Designava, originariamente, o canto em honra de Dionísio, pelo que era associado ao vinho, embora depois viesse a ser entoado em honra de outros deuses. Alguns críticos suspeitam que a sua origem seja frígia, e que tenha sido introduzido na Grécia com o culto de Dionísio. O ditirambo teve como primeiro cultor literário Arion (625-585 a. C.), em Corinto, mas foi nos festivais dionisiacos de Atenas que atingiu todo o seu esplendor. Era entoado por numerosos coristas e acompanhado ao som da flauta. Apesar disso, o D. não seria completamente alheio aos rituais de Apolo e ao canto em honra deste deus, o péan, o que talvez tenha a ver com a evolução desta forma coral não só no sentido da sua abertura a temas de carácter não necessariamente dionisiaco, e até de índole cívica, como também no sentido da introdução de uma certa sobriedade compositiva e musical. Merece hoje escasso crédito a hipótese segundo a qual o D. se teria prolongado na tragédia.

As incertezas que pairam em torno da exacta caracterização desta forma poética conferem um significado muito especial à recriação que dela é levada a cabo, em época moderna. Passa a designar uma sucessão livre de versos, privada de sistema estrófico e com esquema métrico variável, sem rimas fixas, que por vezes são meramente assonantes. Foi o gosto clássico de Ronsard a recuperá-la, logo seguido, em Itália, por Chiabrera. *Bacco in Toscana*, recitado por Francesco Redi na Academia da Crusca em 1666, continua a ser considerado a obra-prima do género. Na Literatura Portuguesa, o D. alcança algum êxito durante o Neoclassicismo. Além de muitas composições dedicadas ao Marquês de Pombal, cujo tom oscila entre o encomiástico e o heróico, recorde-se a produção da Arcádia Lusitana. Nos D. de Correia Garção, misto de lirismo e de solenidade, não deixam de estar presentes todos os temas e persona-

#### DITIRAMBO

É uma das formas da lírica coral grega acerca da qual se possuem menos informações, pois se a origem da palavra ainda

gens tradicionalmente associados a esta forma poética — Baco, os sátiros, os faunos, a cultura frígia, o vinho e o amor. Nas *Obras Poéticas* de Cruz e Silva, figura um D. musicado.

BIBLIOGRAFIA: A. W. Pickard Cambridge, *Dithyramb, Tragedy and Comedy*, Oxford, 1962.

*Rita Marnoto*